

O Diabo

SUMÁRIO DO N.º 156: — Afonso Costa, por Sá Nogueira: *Coisas de «O Diabo»*, por Meisto: *Nova ciência de punir*, por Vasco da Gama Fernandes: *Vai descobrir-se a cura do cancro?*; *O que deve ser suprimido nas emissões de T. S. F.*; *O papel selado e o Ensino Superior*, de Redondo Júnior: *Quem vive?! — O problema do transporte colectivo em Lisboa*, por Carlos Babo; *Derivação de certa leitura*, por Afonso de Castro Senda; *Algumas notas sobre o filme «Revolução de Maio» de António Lopes Ribeiro*, de Roberto Nobre; *Trechos selectos dos grandes filósofos contemporâneos de Rodolph Carnap in «L'Ancienne et la nouvelle logique»*; *Crítica de livros*, por Campos Lima; *António Nobre e Trás-os-Montes*, por Afonso de Castro; *Ciudad Real*, por Nogueira de Brito; *Consultório de «O Diabo»*; *As críticas de António Sérgio e a necessidade de actualização do pensamento português*, por Abel Salazar; etc.

AS CRÍTICAS DE ANTONIO SERGIO e a necessidade de actualização do pensamento português

por Abel Salazar

As críticas formuladas por António Sérgio contra a minha tentativa de actualização do pensamento português constituem uma prova manifesta da necessidade desta actualização.

Com efeito, uma parte dessa crítica é precisamente baseada numa falta de actualização. Tal é aquela em que Sérgio cita Lachelier a propósito de um problema — o das relações do subjectivo e objectivo — que evoluiu muito depois de Lachelier: tal é aquela em que Sérgio formula considerações a propósito da diferenciação do espírito científico na Grécia, baseada no desconhecimento dos trabalhos recentes sobre história da filosofia helénica; tal é sobretudo aquela em que Sérgio formula críticas sobre a questão de «transcender a intuição» e «pensamento clássico», baseada numa confusão de pensamento metafísico e psicológico com o pensamento científico, e no completo desconhecimento da evolução que este sofreu de Descartes até Einstein, e em seguida de Einstein até ao movimento actual. Por outro lado, no que diz respeito ao «transcender da intuição», Sérgio confundiu o abstracto, com a impossibilidade de figuração na intuição dum *concreto possível* (uma geometria não-euclidiana, por exemplo). Confundiu assim o analítico, simbolização dum concreto possível, com o abstracto puro, que não pode objectivar-se mesmo por hipótese.

Por outro lado certas objecções de Sérgio provêm de desconhecer a evolução do a priori e a sua desagregação histórica, isto é, operada por uma evolução histórica, e não por uma polémica contra o a priori. Já dissemos que o a priori, na maneira de ver do autor pode ainda hoje ser defensável, mas apenas no terreno dos condicionalismos psicológicos: o a-priorismo metafísico do Kantismo *é*se foi destruído pela evolução conjugada da ciência e do pensamento modernos.

Outra das causas das objecções de Sérgio provém de não conhecer a influência decisiva que a criação das Geometrias não-euclidianas teve na falência do racionalismo integral, metafísico: porque isto, igualmente, constitue um facto histórico e não um facto polémico. Este facto tinha sido, no entanto, posto em suficiente relevo num dos artigos do *Diabo*.

Isto quanto às críticas de detalhe. Quanto às críticas de conjunto elas provêm de António Sérgio não estar bem ao par do movimento filosófico moderno e contemporâneo. A este respeito a situação de Sérgio, e a daqueles que se collocam numa posição análoga, é insolúvel: porque, ou entram na consciência desse movimento, qualquer que seja a opinião que depois formem dele, ou não entram, e neste último caso não o podem compreender, o que conduz fatalmente a críticas desnorteadas. Ora este movimento — quer o queiram quer não — tem já o carácter dum facto histórico realizado e por todos, lá fora, reconhecido, mesmo por aqueles que tal movimento combatem; e assim a posição de Sérgio e de quem se coloque em posição idêntica, é apenas a de não reconhecimento dum facto que existe como tal.

Se, precisamente, centrei a minha tentativa na divulgação da Escola de Viena, é que esta foi, como é bem conhecido, o centro propulsor do movimento. Tínhamos fatalmente de começar por aí, correlacionando-a com todos os factores que a determinaram, e collocando-a na posição

que ocupa no quadro geral do pensamento europeu. Só depois disto poderíamos falar do grande movimento que ela determinou, com todos os seus fluxos e refluxos, da forma por que se internacionalizou, espalhando-se pelos países cultos. E só depois disso poderíamos falar daquelas Escolas que, como a Polaca, continuaram a acção da Escola de Viena, rectificando, ampliando ou restringindo certos dos seus pontos de vista, assim como dos Congressos de Filosofia científica, em que os diferentes fluxos do Empirismo lógico se manifestavam.

Porque, em todo este movimento há directrizes gerais, e tôdas as correntes, mesmo quando não seguem rigidamente os pontos de vista do Círculo de Viena, reconhecem neste o ponto de partida do movimento, e a justeza da sua finalidade geral.

Foi assim que se constituiu o grande movimento moderno de formação de Filosofia Científica, que marca uma era nova na filosofia e na história do pensamento. O espírito das Escolas que se sucederam, se juxtapuseram, ou internacionalizaram o movimento iniciado pelo Círculo de Viena, é o mesmo espírito geral: é este que dá unidade e coesão ao movimento, é que estrutura o pensamento da Filosofia científica. É manifesto que esse movimento, como todos os fluxos do pensamento humano que adquirem uma amplitude histórica, ao internacionalizar-se, se foi modificando e ampliando, mas isto sem que a unidade e a coesão do movimento se rompessem.

Desta forma, teríamos de, partindo da Escola de Viena, seguir estes fluxos e correntes, definindo-o pelas novas Escolas formadas, pelos Congressos, e por outros dos seus expoentes.

Um tal movimento, ao penetrar nos diferentes países, provocou acções e reacções variadas, como é natural: o que mostra precisamente a sua importância e o seu peso; e, assim, a exposição de tais acções e reacções, só teria cabimento depois de delineado em suas grandes linhas o movimento no seu conjunto: pois só então tínhamos o elemento de acção que gerou tais reacções.

E, como tudo isto, na sua totalidade, foi determinado por um movimento geral das Ciências, era natural que tal exposição fosse precedida por uma espécie de propedêutica chamando a atenção do público, no sentido de se pôr ao facto do que de principal havia a respeito de tais questões.

Em tal propedêutica foram feitas, não exposições, o que seria impossível, mas indicações de vária ordem, a começar pelos livros de actualização sérios, que havia a estudar, da parte do leitor. Na relação destes livros reside em parte o resultado actual a obter; e por isso se insisti com particular cuidado na indicação de fontes bibliográficas adaptadas a tal fim, como seja o «Átomo e Cósmos» de Reichenbach, ou os livros de vulgarização de Louis de Broglie.

No entanto, ainda a minha vulgarização não tinha atingido a própria Escola de Viena, ponto central dela, e se arrastava em plena e cautelosa propedêutica, e já António Sérgio, numa crítica caótica de «pequenos pontos», veio lançar a confusão baralhando críticas de conjunto com críticas de detalhe, críticas de princípios com críticas de métodos, tudo isto

cozinhado com certa desordem e incurtado de considerações laterais, à mistura com acusações de falta de «fundamentos» quando tudo estava solidamente baseado, e de «sugerir idéias falsas», quando essas «idéias falsas» são apenas as «falsas idéias» de António Sérgio, devidas a uma falta de actualização nos problemas versados.

A este respeito António Sérgio transpõe os limites impostos à crítica, entrando no campo das acusações graves não fundamentadas, e na das sugestões com reticências.

Contra isso, protesto no uso de um direito igual àquele que cabe a Sérgio, e a qualquer outro, o de criticarem: pois quando o crítico sai fora do seu campo, passa, por seu turno, a ser réu de um delicto.

Não neguei jamais a Sérgio o direito de formular as dúvidas e objecções que quisesse quanto aos princípios e métodos de vulgarização por mim seguidos; e, nesse campo, continuo a reconhecer tal direito em sua plenitude. O que não reconheço é o direito de fazer acusações não provadas, tal como a de «falta de fundamentos» ou sugestão de idéias falsas.

Além disso, qualquer crítica tem de se moldar ao seu objecto, o que se não deu neste caso: pois, como acabo de dizer, o alarme erguido a-proposito-da Escola de Viena, Empirismo lógico e coisas análogas, precedeu de facto a vulgarização e o conhecimento do que tudo isto possa ser. É tão paradoxal é esta atitude, que me foi objectada a falta de «exposições críticas», a respeito de um assunto cuja exposição nem sequer tinha começado. As objecções desorientadas começaram, desta forma, antes de chegar a procição, e o que se me exigia era que fizesse andar os lois na dianteira do carro.

É certo que numa carta do «Sol Nascente», eu aludia ao Empirismo Lógico, à Escola de Viena e outras; mas isto apenas porque, forçado por um incidente, fui levado a traçar um quadro geral do actual movimento intelectual, quadro forçosamente limitado pelas condições do local: mas fundamentado em sólidas bases, muito embora possíveis de discussão, como tudo.

Em suma, o que há de real por detrás de toda esta crítica inconsistente de «pequenos pontos», é a imitação de um Racionalismo idealista que ninguém atacou, porque não é atacá-lo *expor factos*, muito embora estes lhe sejam, *parte*, contrários.

Porque o Racionalismo Idealista pode hoje defender-se, como tudo: simplesmente, para isso ele tem de *actualizar-se*, e conhecer o campo adversário.

Começar porém um jôgo de florete contra um adversário que é ainda apenas fantasma, é o que se não compreende dentro do campo do espírito crítico: coisa tanto mais paradoxal quanto, no fundo, entre Sérgio e o Empirismo-lógico não existe irreducibilidade essencial, mas apenas falta de conhecimento, pela parte de Sérgio, do que seja em realidade *esse* Empirismo-lógico.

E, se porventura, tal irreducibilidade existe, como defini-la, antes de conhecer em sua plenitude, o adversário?

Da questão resulta, pois, sômente e apenas uma coisa: as dificuldades de uma tal vulgarização, e os seus defeitos possíveis ou já verificados. Mas tais dificuldades e tais defeitos defini-os eu próprio, com insistência, quer no «Diabo» quer no

«Sol Nascente»; e disse também as razões e as autoridades em que me apoiava para forçar a barreira desses defeitos, inconvenientes ou dificuldades, e seguir para a frente.

Resta pois, de tudo isto, muita parra e pouca uva: o que é lamentável, pois na realidade, havia muita uva, isto é, ampla matéria para basear útil discussão. Mas para isso — eterno círculo vicioso! — seria necessário uma actualização, que nos evitasse esgrimas no vácuo contra sedições e estafados argumentos, mal-entendidos, confusões, e uma dialéctica anacrónica, o que tudo conduz fatalmente à situação de duas pessoas disputando em línguas que mutuamente não conhecem...

E tanto assim que eu próprio, chegado o momento oportuno, farei a discussão crítica da Escola de Viena, da Escola de Varsóvia, do Empirismo-Lógico em geral, da sua situação actual, e do seu possível futuro. Mas isto, forçoso é insistir, seria absolutamente inviável e paradoxal, sem que tais coisas entrassem no conhecimento geral.

Ora tudo isto partiu de um ponto: o receio, manifestado por Sérgio, de uma confusão cultural provocada pela minha tentativa.

A tal respeito convém porém notar que as minhas idéias e métodos são perfeitamente definidos, em contraste com os zigue-zagues, dúvidas, hesitações, manifestados por Sérgio. E tais idéias e métodos definidos não significam desconhecimento da relatividade e complexidade das coisas, mas sim uma resolução tomada, após reflexão, no meio precisamente desta relatividade e complexidade. Doutra forma jamais alguém em coisa alguma daria um passo, e ficaria para um canto, a gaguejar. O que é próprio do espírito científico é seguir um caminho definido no meio da constante dúvida e da constante auto-crítica, e procurar um pouco de luz na densidade das trevas; e não de se perder por completo no meio de um criticismo caótico.

Se António Sérgio folheasse as Actas do Congresso da Sorbonne, de 1936, ou o «Erkenntnis» teria imediatamente compreendido que era absolutamente impossível fazer uma «exposição crítica» da actual filosofia científica, uma divulgação.

E esta «exposição crítica» seria de resto um paradoxo numa tentativa de vulgarização que tem por fim uma actualização do pensamento. Porque, de um lado, este não estando actualizado, toda e qualquer exposição crítica seria absurda; e, por outro lado, se o que se tenta divulgar é a necessidade de uma reforma do pensamento e o hábito de novas formas do pensar, como fazer uma exposição crítica, antes de realizada essa reforma do pensar? Depois se a filosofia científica é uma coisa nova, em plena construção, e portanto em plena auto-crítica, como começar por dar dela, precisamente, uma crítica? E se tal movimento é tão complexo que se estende a todos os ramos do conhecimento, e mergulha as suas raízes nos mais fundos ou fugidios problemas do espírito humano, formulando-os, analisando-os, debatendo-os à luz de idéias novas, como, antes de conhecer essas idéias novas, entrar em tal criticismo?

A discussão dos velhos problemas do espírito humano foi completamente renovada pelas novas idéias; e o movimento

começou pela eliminação dos pseudo-problemas, por exigências de classificação do pensar, e por uma translação dos esforços da ambição metafísica para a exigência do «sentido», pela revisão dos conceitos, teorias, das próprias bases da ciência; pela exigência de critérios seguros na formulação do pensar, em suma, por uma classificação do «sentido», imposto ao caos da filosofia clássica, e às suas coisas sem senso.

A Escola de Viena formulou, por assim dizer, as principais objecções, e traçou as principais directrizes no caminho a seguir na tarefa desta rectificação e classificação. Abriu por assim dizer a discussão, partindo de determinados princípios e críticas: e o movimento que ela determinou está construindo actualmente a filosofia científica na seqüência destas directrizes.

Exposição crítica de quê? Da Logística? da Lógica de Russell? Da Simbólica de Peano? Da Semântica? da Filosofia das Matemáticas? Da Sintaxe Lógica? Das novas Teorias do conhecimento? Da Lógica Polivalente? Da Metamecânica? Da Metamatemática? Do Empirismo Lógico em geral? Mas tudo hoje, nestes campos, é discussão crítica, porque tudo é investigação construtiva, no sentido de uma construção da Filosofia científica!

Simplesmente tudo isto, parte de certo ponto, e caminha segundo certas directrizes: esse ponto marca uma nova era do pensamento, de que *essas* directrizes desenharam as primeiras linhas.

Portanto o caminho a seguir não era a «exposição crítica», mas sim um grande esboço dessas linhas, esboçando o conjunto na sua generalidade, objectivamente, isto é, como um facto.

E, portanto, mais uma vez, repetirei: há isto: queiram reparar!

Porém, já tudo fala, e ninguém *repara* mania estruturalmente portuguesa.

Para evitar confusões, dou pois aqui o plano geral seguido na Série «Pensamento Positivo Contemporâneo».

A 1.ª parte, actualmente em curso, foi destinada a dar indicações gerais, estabelecer correlações históricas, etc.: é uma espécie de introdução.

A 2.ª parte ocupa-se da *Escola de Viena*.

A 3.ª parte ocupa-se da *Escola de Varsóvia* e do movimento empiro-lógico francês, inglês, americano, escandinavo, grego, checo-eslovaco, etc.

A 4.ª parte ocupa-se do *Congresso de Filosofia científica de Praga, de Paris, de Copenhague*, etc.

A 5.ª parte fecha a Série com uma exposição sobre o conjunto do movimento empiro-lógico, seu futuro e sua influência na história intelectual da Europa.

Estão apenas publicados vinte e tantos artigos da 1.ª Parte da Série, isto é, a introdução. No fim de cada Parte será dada uma extensa bibliografia sobre os assuntos versados.

O quadro seguinte resume este plano:

- a) Introdução.
- b) Escola de Viena.
- c) Escola de Varsóvia.
- d) Movimento empiro-lógico inglês, francês, americano, grego, checo-slovaco, escandinavo, italiano, etc.
- e) Congresso de Praga, Paris, Copenhague, etc.
- f) Conclusão: bibliografia.